

do termo aplicado aos objetos valorizados ou artísticos, *imakhé*, «lá está o que é meu», verificamos que este contém um sentido ligado à apreensão visual.

O trabalho nos roçados, as andanças e caçadas pela floresta, as pescarias nos rios e igarapés ou ainda as longas jornadas guerreiras são o palco desse exercício, pois correspondem aos espaços que propiciam o encontro com entidades que, informam os mitos, são a fonte de inspiração para a estética visual como também para outros elementos artísticos. Nesses encontros a «contemplação» é decisiva, pois, muitas vezes, apenas ela é responsável pela aquisição de padrões decorativos, de cantos, de músicas. O espaço das roças, ao contrário da aldeia, proporciona elementos de inspiração para a arte representativa wayana, porque freqüentar e trabalhar neste espaço encontra paralelo em outras atividades, executadas nas florestas e rios, uma vez que todas comportam um exercício contemplativo proporcionado por cenários que motivam a imaginação e que têm sua origem na predação.

A reprodução do que foi contemplado nos espaços não socializados é mnemônica, mas só se concretiza na aldeia, no seio da vida social que se enriquece a cada aquisição, numa atividade cujo legado se expandiu, no passado, através das relações com os *maroon* e outros grupos indígenas da região, e que, agora, comporta o que é observado nas cidades, através do contato mais intenso com a sociedade regional.

A ROÇA, CESTOS CARGUEIROS E LARVAS

A aspiração de todo wayana é uma roça grande e viçosa, com bananeiras carregadas de cachos, altos pés de maniva¹, que testamunham sobre o tamanho de suas raízes, numerosas favas, pendendo das trepadeiras. Estes e outros sinais de uma abundante colheita são contemplados e apreciados esteticamente pois uma roça produtiva não representa apenas uma completa «socialização» de um trecho de mata, mas preenche, verdadeiramente, os requisitos de uma fabricação altamente valorizada.

Uma lavoura produtiva passa a integrar, enquanto produto e fabricação, a classificação que engloba os elementos considerados genuinamente wayana e que são dotados de valor estético. Efetivamente, um roçado tem forma porque se destaca da mata circundante, é valorizado porquanto seus frutos maduros são considerados os seus «enfitezes» e, acima de tudo, porque representa uma fabricação eficaz, como atesta uma alimentação abundante. Contudo, um roçado pode se tornar improdutivo quando assolado por pragas, inundado ou realizado numa terra pouco fértil. Uma roça nestas condições é sem beleza, sem ornamentação, algo que não deseja admirar, assim como ocorre com os objetos mal elaborados ou desgastados, desprovidos de atributos estéticos. Uma roça tan

¹ Designação de origem tupi para o caule de mandioca que, por sua vez, nomina a raiz.



Concha e o seu cesto cargueiro

bém se torna desvalorizada depois que toda a mandioca² foi colhida e, assim abandonada, é invadida por ervas daninhas. Passa então a ser referida como *tinóxipité*, («está apodrecendo»), o fim de tudo o que é fabricado. Ao tornar-se capoeira, perde a qualidade e é fabricado, de objeto. Designada como *taréuaitpé*, «velho lugar do inimigo», regressa ao domínio da natureza e volta a comparilha: das mesmas características da floresta.

As roças ocupam uma posição intermediária no espaço físico explorado pelos moradores de uma aldeia. Idealmente, devem estar dispostas em ferradura, circundando-a e estabelecendo um território de transição entre a aldeia e a floresta, o que pode ser detectado nos cuidados que os humanos tomam ao trabalharem nos roçados. As roças plantadas representam um espaço feminino por excelência, os homens só acompanham as esposas para realizarem tarefas específicas como cortar e transportar cachos de bananas, nunca para manterem relações sexuais, pois estas são realizadas em espaços mais sociais.

Nos trabalhos de agricultura, as mulheres wayana empregam terçados e implementos de cavar que são feitos com materiais picatórios; a casca do cacau silvestre permite engrossar a mandioca e a madeira de *turúturú* encompridá-la³. No transporte, servem de pequenos cestos, de trama vazada e providos de alça onde depositam favas, algodão e tudo o que é colhido em pequena quantidade. Para trazerem mandioca, empregam um cesto cargueiro, denominado *katari*, que é feito de cipó títica⁴, um material muito resistei-

² *Manihot scolenta*, tubérculo venenoso que necessita ser processado antes de se tornar amento.

³ *Theobroma sylvestris*. A segunda espécie não foi identificada.

⁴ *Heteropsis jennmani*, matéria-prima apreciada pela resistência.

te, ou então de arumã com casca. O cesto cargueiro constitui uma fabricação masculina e é considerado como uma das mais laboriosas peças de cestaria, porque contém muitas partes para serem executadas. A associação da mulher wayana com o seu *katari* é estreita, tanto que o objeto é confeccionado num tamanho que se amolde às suas costas. Constituinte um de seus «enfeites», valoriza, por essa associação, o trabalho feminino nos roçados⁵. O cesto cargueiro, dependendo do grau de deterioração, é empregado em outras funções e, assim, quando recém-confeccionado, protege a pilha de beiju e o transporta em viagem; quando muito usado, carrega lenha e recolhe detritos da cozinha. Todas essas atividades transformam este cesto num artefato empregado pelas mulheres cotidianamente.

O território compreendido pelas roças é visto como um espaço quase hostil que à noite equipara-se em muitos aspectos à floresta. Torna-se então um ambiente de domínio masculino na perseguição de roedores, desdentados e outros animais de caça. Durante o dia, as mulheres só se demoram o tempo necessário para a coleta e o plantio. Receiam as onças, atraídas pelos pequenos mamíferos, e também os animais peçonhentos, como as cobras. Completando o quadro, é na roça, internada na floresta, que ecoam os ruídos mais assustadores, jamais ouvidos nas aldeias.

O criador das roças é um demiurgo, descrito como uma mulher extremamente velha, denominada *Sumarapanan*. É igualmente a primordial detentora dos vasilhames cerâmicos pintados, que são de uso ritual. O espaço das roças, entretanto, é governado pelo *uruyum*, «pai da mandioca», procriador da espécie, denomina-

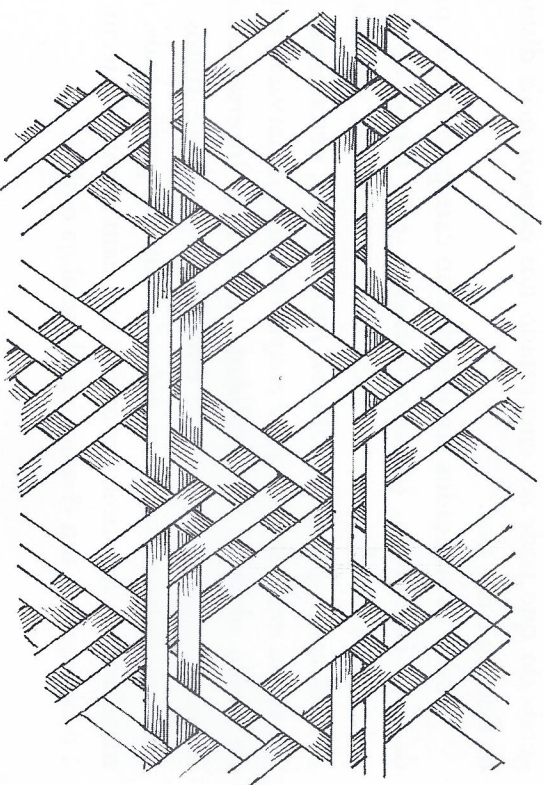
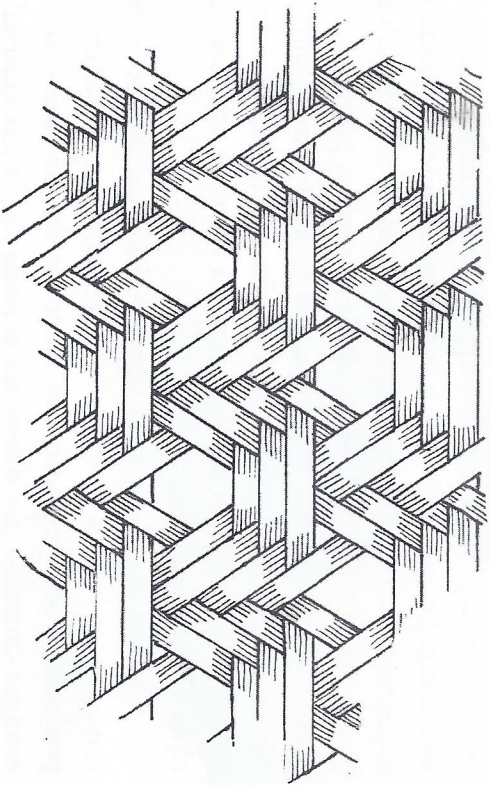
⁵ Cf. listagem em apêndice.

do *Iekará*. Este ser está acompanhado dos *uriparum*, «sobrinhos da mandioca», cipós que se entrosçam nos pés de maniva, como se trobalhassem e quisessem recordar aos Wayana que a abertura de uma roça representa um dos principais encargos de um sobrinho/genro. *Sumarapanan* e *Iekará*, atestam, desde os tempos primeiros, a criação conjunta, masculina e feminina, dos roçados. No âmbito da roça não se lançam impropérios e sobretudo não se fazem acusações de roubo, pois molestam *Sumarapanan* e a fazem se apoderar do princípio vital do acusador.

Os freqüentadores mais temidos das roças são, no entanto, os roedores, os insetos e outros invertebrados que a atacam. Os atos predatórios se especificam em torno do ato de «roer», ou seja, os estragos causados por diferentes animais às plantas cultivadas, destruindo-as e afetando a dieta indígena. A roça é um dos elos de uma cadeia de predação que constitui uma espécie de «ensaio geral» do que pode ser encontrado nos espaços mais distanciados da floresta e dos rios.

Todos os trançados empregados no carregamento de produto da roça explicitam, iconograficamente, essa forma de predação pois são decorados com técnicas de trama vazada, referidas como *mirikut ewú*, «padrão de olhos». Assim sendo, determinados motivos como *ariká ethtëpë* e *iripé ethtëpë*, «buracos de larvas»⁶, expressam de modo objetivo essa realidade, pois esses invertebrados fazem furos na palmeira bacaba e em outras plantas e frutos. Outro padrão, entretanto, como *piéwú*, «olho de gavião-real», o fazem metaforicamente, uma vez que se associam nominal e tecnicamente à órbita ocular, um «buraco» onde se aloja o olho.

⁶ Larvas de dias espécies de besouros comestíveis.



Padrões de trançados vazados: «buraco da larva ariká», «buraco da larva uruhutí»

Os protagonistas da predação dos roçados compreendem outros atores que são graficamente reproduzidos em outros artefatos, como a cerâmica e trançados de trama cerrada. Um desses padrões é *paxiemekun*, «patas da cotiaia», e representa as patas dianteiras desse roedor enquanto devora os brotos e tubérculos das plantas. Esse padrão é contínuo, comportando múltiplas representações que simbolizam numerosos roedores atacando o roçado o que é considerado uma verdadeira catástrofe.

As principais representações ligadas à predação dos roçados são de larvas de borboletas e mariposas, referidas genericamente como *éluké*, termo que as define zologicamente e enquanto ser sobrenatural. São representadas diferentes espécies de larvas, pois cada uma delas preda determinada espécie cultivada. O padrão *xikario* representa o principal grupo de larvas devoradoras dos caules e folhas da mandioca; os grafismos que são designados como *napiak* e *matuwanañ* encarnam as que predam especificamente as folhas de batata-doce e do milho e o motivo *matanuat* representa as que atacam em especial os algodoeiros, como referido.

No domínio terrestre os roçados estão cercados pela floresta ambiente permanentemente palmilhado pelos Wayana em busca de alimentos e outros recursos naturais. Nesta atividade, a contemplação da natureza, dos animais e dos vegetais silvestres estabelece outras associações simbólicas e estéticas, fundamentais na arte wayana.